

# Associação Nacional de História – ANPUH XXIV SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA - 2007

## Ainda se benze em Minas Gerais

Maria Clara Tomaz Machado\*

**Resumo:** No limiar do século XXI a benzeção e o curandeirismo ainda são práticas religiosas populares, em plena vigência, mesmo que (re)significadas. É o que tem sido constatado no "Inventário das Práticas Culturais Populares em Minas Gerais", resultado de pesquisa multidisciplinar realizada na UFU. Ao penetrar no território das doenças religiosas e, por consequência, da "medicina rústica", desvela-se um mundo de magia, cujos códigos de linguagem e rituais simbólicos permitem o contato entre o material e o espiritual. Nele, os dons de curar são astúcias que permeiam as práticas culturais de grande parte de sujeitos sociais que, contra as próprias limitações que cercam sua luta pela sobrevivência, recorrem a este lugar utópico, ao mesmo tempo palpável e real.

**Palavras-chaves:** inventário, religiosidade e culturas populares

**Abstract:** In the threshold of XXI century, with new signification, the blessing and the charlatanism still are a religious popular practical, in full validity. It is what has been evidenced in the "Inventory of Popular Cultural Practical in Minas Gerais", resulted of a multidiscipline research developed in UFU. When penetrating in the territory of religious illnesses and, for consequence, the "rustic medicine", it is possible to see a magic world, whose symbolic codes of language and rituals allow the contact between the material and the spiritual. In it, the gift to cure is sagacity that is in the middle of the cultural practical of great part of social citizens that, against the proper limitations that surround its fight for the survival, they appeal to this utopian place, at the same time concrete and real.

**Word-keys:** popular inventory, religiosity and cultures

Pensar o tema da religiosidade no Brasil contemporâneo pressupõe estar atento aos deslocamentos de práticas culturais populares do mundo rural para o urbano, o que provoca mudanças e interações nas experiências com as dimensões do sagrado e do profano. O contexto histórico que alicerça estes deslocamentos culturais apontam para um Brasil que na década de 1950, em busca de sua modernização, pretende romper com o seu passado rural, cuja tradição é vista como instrumento de atraso ao processo de industrialização que se instaurava à época.

Esta situação de inversão do rural para o urbano se acentuou a partir de 1970 com o êxodo rural provocado pela expansão agrícola, especialmente no Triângulo Mineiro/MG. Esta tinha como incentivo os projetos agrícolas desenvolvimentistas dos governos militares, tais como o *Pólocentro*, o *Prodecer*, o *Provarzeas*, que financiaram em terras de cerrado a produção de grãos para a exportação, a modernização da pecuária e a agroindústria. Tais

---

\* Dr<sup>a</sup>. Em História Social pela USP, Prof<sup>a</sup>. dos cursos de graduação e do Programa de Pós-graduação em História da UFU.

projetos não só concentraram mais terras, como propiciaram o desgaste da economia de subsistência, agravando a desigualdade social. (MACHADO, 2002)

Nesse cenário, crenças e tecnologias dialogam no enfrentamento entre tradição e modernidade, instituindo novos investimentos estéticos, rítmicos, performáticos, imagéticos e poéticos. Novos personagens também se encenam ao lado daqueles que trazem na lembrança suas práticas culturais. Conflitos de gerações travam um debate, se interpõem e dividem grupos que, por sua vez, se multiplicam. A igreja, antes distante da fé rural, se aproxima, muitas vezes, com o intuito de controle, resistências se impõem. As relações entre latifundiários e a economia de subsistência dão lugar ao embate ou ao conformismo, criando novos vínculos entre o político, o poder público e os anônimos da cultura popular. (MACHADO, 2000; MACHADO, 1999)

Não é pouco para o pesquisador de tal temática. Muitas vezes causa impacto e é, ao mesmo tempo, um intrigante caminho a percorrer. A grande questão é: as avarias que as práticas culturais religiosas sofreram com a modernização do país e suas conseqüentes mudanças devem ser reconhecidas como parte do movimento da própria história?

Vale considerar a essência da fé, as permanências e recriações das práticas de sociabilidades rurais no espaço urbano como recusa a uma identidade perdida e, neste sentido, uma forma de resistência à alienação? Neste viés, as benzeções, o curandeirismo, os santos populares, as folias de reis e até mesmo o congado são práticas culturais religiosas populares ainda capazes de atrair a atenção do historiador.

Esse foi o fio condutor da pesquisa interdisciplinar aprovada pelo Fundo Estadual de Cultura de Minas Gerais, que se propôs a inventariar as práticas culturais populares na região do Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba, elegendo os sujeitos sociais anônimos que tornam vivas e pulsantes um conjunto de manifestações religiosas, artesanais e de alimentação, mesmo que pela própria circularidade cultural entre o rural e o urbano sofram interferências, recriações e mudanças. A grande questão foi a de perceber como tais práticas culturais permitem manter laços de sociabilidades e reaver uma identidade partida que resguarda a identidade social de uma alienação ameaçadora.<sup>1</sup>

Entendemos a cultura popular como uma das maneiras possíveis de representação que pessoas, classes ou segmentos sociais utilizam para expressar suas experiências e vivências. Estas formas de expressão popular estão impregnadas não só por misticismos, mas também

---

<sup>1</sup> Esta pesquisa intitulada *Inventário das práticas culturais populares no interior da Gerais*, aprovada pelo Fundo Estadual de cultura, da Secretaria Estadual de Cultura de Minas Gerais, teve o apoio cultural da empresa CTBC/Algar, da UFU e do SESC de Uberlândia e foi coordenada por mim e a prof<sup>a</sup> dr<sup>a</sup> Mônica Chaves Abdala.

por formas de sobrevivências, de lutas; refletem situações concretas, são práticas de um mundo real, foram construídas, estão entremeadas no cotidiano, no fazer do dia a dia dos seres humanos. Podem até estar inscritas na cronologia de eventos comemorativos criados por órgãos oficiais, que priorizam e estabelecem ao sabor de suas conveniências um calendário cultural regional ou local. Todavia, mesmo diante dessa cronologia, não podemos esquecer que antes dela ser criada, precisou ser vivenciada e experimentada na rotina das pessoas, como parte integrante de suas vidas, para depois ser cultuada. (MACHADO, 2002)

Por isso, antes de serem representações religiosas, estéticas e mesmo imagéticas de uma época, as práticas culturais foram ou são parte de um mundo real em que, ao se produzir relações sociais de produção também se constroem, ao mesmo tempo, cultura. É neste sentido que concebemos a cultura como parte integrante de um sistema de produção que, paradoxalmente ao criar a exclusão social, propicia formas de solidariedade, sociabilidades, prazer e misticismo.

Daí a necessidade de avançar para além do exclusivo estabelecimento de suas origens, ou conformar tais práticas culturais em padrões engessados por um roteiro de atuação. Essas práticas populares trapaceiam com a realidade, produzem novos valores e concepções, mantêm um diálogo contínuo entre as categorias do passado e do presente. Assim, a sobrevivência de um tempo na contemporaneidade não nos deixa órfãos de história, dão um sentido a nossa existência, a nossa paisagem, cujo mapa permite localizar lugares significativos e nele a possibilidade de nos vermos como nós. (STEIL, 2001)

Neste viés, a tradição, como suporte para uma memória transgressora da ordem e do progresso imposto, retoma o passado, não como rastros ou lembranças que se diluem no tempo, mas para alimentar uma identidade cultural, consciente dos sofrimentos e perdas, porta-voz de uma luta contra a alienação. (MACHADO, 2006)

É o que nos relata o Sr. Debrair sobre sua luta para manter o seu terno de Moçambique em Frutal:

[...] os nêgo já começa a ficá assim, porque a gente já foi muito discriminado, tem muitos nêgo que ainda tem vergonha parece de querê enfrentá, porque é nêgo, né? [...] é uma coisa que nós tinha porque laenvem desde o começo do mundo, indese o tempo de 1888, foi o tempo das escravidão, né? Da Princesa Isabel [...] que ajuda nós muito, que é nossa principal rainha, que nós tem, né? [...] vendo essa parte da Lei Áurea, por exemplo, que foi falada, de Dom Pedro II, né? Tem a parte de Zumbi também, morreu lutano, que é dia 19, 20 de novembro, que ele morreu lutano para nós. Então a gente tem que lutá até o fim da vida também, pelejá, pra vê se vai teno continuidade. [...] a gente tá buscano aquelas coisas que lainvém das

velhas geração, elas pejejó muito, queria que aquilo fosse progredino. Então, esse é o prazer que a gente tem, é um sonho que a gente tem.<sup>2</sup>

Rompendo com as fronteiras das religiões institucionalizadas o catolicismo tradicional ou arcaico, que migra do rural para o urbano, estabelece uma religiosidade múltipla e diversificada, distante do dogmatismo oficial, mas com ele muitas vezes dialogando. Neste espaço de crenças os sujeitos sociais estabelecem um vínculo com a natureza, da qual são parte integrante, corpo e espírito, o real e o sobrenatural integram e compõem o universo criado por Deus. O lugar do sagrado realiza as graças que permitem a sobrevivência numa sociedade injusta e desigual, o lugar do profano reconcilia o indivíduo no seu coletivo, no qual compartilha o encontro, a festa, a comida. Quase sempre este vínculo entre o sagrado e o profano se articula propiciando momentos nos quais recompõe a vida e sua identidade social. (BRANDÃO, 1989) Para o Sr. Sebastião Vigário dos Santos, de Patos de Minas:

A festa dos santos reis inxiste (sic) porque inxiste devoto de santos rei, que eles fôro os único naquele tempo que premero reconhecero Jesus. Por isso eles viraro santo, fôro abençoado por Jesus, nosso Pai Poderoso. Por isso inxiste a fé neles, eles é milagrero. Tamém é três santo num só. Então é desse modo que nós dos terno de folia de reis tem que viajá na roça, percorrê as ruas da cidade pra homenageá eles, ajudá os devoto a pagá as promessa, as graça recebida. Eles cura doença arruma emprego, ajudá a istudá, a pagá dívida. Maisi tamém são vingativo, se ce devê a eles perdi roça, animal, tem incêndio, fica mais doente. Então nós da folia fumos escoídos pra num dexá o povo desamparado. A festa, a comida, o adjitório é a parte alegre da crença. Que tamém, como se diz, ninguém é de ferro. E fica feliz, dança, come, também é uma maneira de pristigiá o santo, claro, com compostura, respeito.<sup>3</sup>

Para o homem cuja realidade é irremediavelmente cindida entre o finito e infinito, o bem e o mal, a vida e a morte, o castigo e a graça, a religiosidade aparece como o amálgama entre criatura e criador, restabelecendo a ordem, a harmonia e a esperança no presente e na transcendência da vida. Assim é que o crer se realiza concretamente, mas a graça, o milagre, muitas vezes necessita da cerimônia ritual do deslocamento, da viagem em busca do lugar sagrado, como nas romarias, nas procissões, nos cortejos, que, quase sempre, têm no lugar de chegada um santo de devoção.

Este ritual do trajeto da fé pode ser antecedido pela criação (BRANDÃO, 2007) de santos populares eleitos pelos seus crentes como intercessores entre as vicissitudes da vida e o mundo espiritual. Este é o caso da multiplicidade de santos no interior de Minas Gerais. Tal como a mártir Filomena, em Araxá, uma vítima de uma epidemia de varíola que se abateu

<sup>2</sup> Depoimento do sr. Debrair, 67 anos, embaixador e capitão de Folia de Reis e também do congado e Moçambique na cidade de Frutal.

<sup>3</sup> Depoimento do sr. Sebastião, capitão da Folia de Reis do bairro Sobradinho de Patos de Minas, 58 anos, há 50 é folião.

sobre a cidade no fim do século XIX e que, por ter sido enterrada viva, fora da cidade, como mandava a crença no extermínio da peste, foi elevada ao patamar de santa, com direito à capela, sala de ex-votos, congregando no mesmo lugar o encontro das folias de reis local. (CARVALHO, 2007) Em Uberlândia, João Relojoeiro, um homem simples do povo, acusado injustamente de um roubo a uma joalheria da cidade, foi torturado até à morte pelas elites locais em conivência com o poder público, a justiça e um médico. Alçado à categoria de santo milagreiro o seu túmulo é visitado assiduamente pelos seus devotos que queimam velas e levam água, comida e fotos comprovando seus milagres. (CORREIA, 2005) Em Patos de Minas, outra vítima da injustiça criminal, José Lourenço da Costa, o Zé Borrachudo, acusado também de roubo, morto muito jovem aos 22 anos, desde 1946 faz milagres. O seu túmulo é ornado com flores coloridas de papel e muitas velas.<sup>4</sup>

Em Frutal existe um lugar de peregrinação fora do perímetro urbano conhecido como Água Santa onde corre a história da aparição de Nossa Senhora da Aparecida, com uma luz intensa no seu manto azul. Essa foi a visão da guardiã do lugar, local no qual se acredita que o poder da água de uma fonte seja milagrosa e curativa. A capela erigida é palco de visitas, romarias e pagamento de promessas.<sup>5</sup> Diferentemente, a cidade de Romaria, controlada pela Igreja Católica, é reconhecidamente o maior centro de peregrinação do Triângulo Mineiro, só seguido por Abadia dos Dourados, ambas cidades de turismo religioso, que em 15 de agosto comemoram Nossa Senhora da Abadia e no resto do ano promovem encontros de folias de reis e do congado. Ainda vale mencionar as grutas de Vazante, marcadas pela aparição de Nossa Senhora da Lapa, cenário de visitas e pagamento de promessas.

Uma outra dimensão do catolicismo tradicional que ainda persiste no cenário urbano é a prática da benzeção e do curandeirismo que, diferentemente da publicização das festas e das romarias, pressupõe vínculos pessoais nas comunidades locais e na vida familiar. Os sujeitos dessas práticas acreditam ser detentores de poderes e forças sobrenaturais, quase sempre recebidos como missão e dom, por isso mesmo são intermediários entre o sagrado e o profano e o seu reconhecimento e sua identidade provêm do grupo social de origem. (MACHADO, 1997)

O sentido dessas práticas curativas advém da sua eficácia simbólica que só privilegiam aqueles portadores da fé. Estes agentes religiosos leigos, em contrapartida ao seu poder de cura não podem obter lucro de sua atividade, antes de tudo compartilham com o outro não só

---

<sup>4</sup> Pesquisa no local em janeiro de 2007. Ficha e obituário de José Lourenço da Costa.

<sup>5</sup> Informações obtidas no lugar e referenciada por várias pessoas da cidade de Frutal, entre elas, o senhor Adelmiano Raia de Souza, embaixador da folia de reis e a guardiã do local entrevistados em novembro de 2006.

o seu ritual de magia e preces, mas também a certeza de que para curar o corpo é preciso curar a alma. Para tanto, laços de afetividade e solidariedade se estabelecem e as frustrações, as decepções, a dor e os sofrimentos se articulam numa rede de significados, onde o mal pode ser vencido e a esperança se anuncia. Ao inverter o caos se ordena a sobrevivência, a continuidade da vida e do grupo. Vale apreciar os depoimentos de dona Luzia Moreira dos Reis e de dona Erondina:

[...] minha mãe era benzedeira, mais também ela fazia simpatia. Eu passei a benzê depois que meu marido adoeceu. Eu tinha desde muitos anos o dom, mas eu só assumi depois [...] Aí eu não pude negá mais, vê minino que tá doentinho e Deus permití que os espírito vêm trazê proteção pra aliviá as enfermidades, [...] Benzo de quebranto, de vento virado, de dor de dente, de cobrero, de cortá o medo. Aí junta meu pedido, o merecimento da criança e a fé de mãe [...]. Peço a Deus pra mandá os espírito de luz, o guia doutrinados, São Cosme e Damião, a Nossa Senhora pra protegê a criança com seu manto sagrado, né?<sup>6</sup>

Eu tenho 91 anos e ainda benzo benzo de erizipela, cobrero, vento virado, quebranto. Benzo animal, gente. Comecei com 13 anos, mas indese 6, 7 eu já sabia que eu podia curá. [...] Eu gosto demais do povo, das árvore, do mundo, gosto de tudo. Minha casa na fazenda era cheia de gente. Vim pra cidade cum 50 anos e continuei benzeno. Eu benzo com ramo, vela acesa pra iluminá. Nunca peguei um réis pra comprá um pão, quando eles deixava dinheirinho eu comprava vela [...] Eu só dirigia a mão na cabeça da pessoa, num precisava menti pra mim, sabia tudo da vida deles. [...] eu sô católica, mas tinha as minha entidade, cê entende, né? [...]. No tempo da fazenda o povo precisava mais do benzedô, mas até os médico manda as criança pra eu benzê. Mais ocêis tinha que me conhecê na fazenda. Naquele tempo eu era gente, hoje eu sô um pedaço, tô quase acabano.<sup>7</sup>

Na atualidade a religiosidade popular que permeia a paisagem urbana tem redefinido novos contornos. Em destaque os Encontros de Folias (Congado/Reis) se multiplicam em cidades mineiras e do interior de São Paulo e Goiás. Parecem grandes convenções mediadas pelo poder público e a Igreja Católica. Do lado político se incentiva o turismo religioso, se vende a festa como uma mercadoria que qualifica as cidades, do lado dos capitães é uma oportunidade para confraternizar com outras companhias, festejar, representar o nome da cidade. Não é mais uma missão:

[...] As festa de Reis nas fazenda, por exemplo, é uma promessa, é o ritual todinho, levanta a coroa, tem o festero, reza, tem continuidade. [...] Nos encontros têm diferença, festeja aquele encontro. Nois representamo nossa cidade em Minas, São Paulo. [...] Tem encontro de 40, 50 companhias. [...] É direto, o ano inteiro começa no primeiro domingo de janeiro e vai até 10 dezembro. Mais os prefeito, tem uns que apóia, otros não. Às vez, dá pano pra roupa, paga a gasolina do ônibus, faxa. Mais é difícil, São Paulo é mais prestigiado pela política. Nóis perde dia de trabalho, até botá dinheiro do bolso. Aí fica difícil levá o nome da cidade e fazê bonito, né?<sup>8</sup>

<sup>6</sup> Entrevista com d. Luzia Moreira Reis, benzedeira de Ituiutaba

<sup>7</sup> Entrevista d. Erondina, 92 anos e atua como benzedeira em Frutal.

<sup>8</sup> AMÂNCIO, Hebrair Cassimiro, Op. cit.

[...] A folia de Reis nossa não tem associação não. Mais tá moderno. Antigamente nós ia à cavalo, à pé, depois de moto. Hoje nós avisa agora do almoço, combina a reza até pelo celular. O que vale é a festa, a crença. Eu realizei um sonho, queria ser capitão e tive a visão de Nossa Senhora na Água Santa.<sup>9</sup>

Uberlândia é um exemplo diferente. Desde a criação da Secretaria Municipal de Cultura em 1983 incentivou-se a organização de associações que por estatutos disciplinaram a festa, aprovam os novos grupos, dividem a verba recebida da prefeitura como subvenção social. A Associação de Folia de Reis tem mais de 50 ternos e a da congada em 2006 contava com 20 ternos. Percebe-se que no lugar do silêncio e do desprezo que as elites antes dispensavam a estes festejos religiosos, o poder público, a partir da redemocratização do país, começou a capitular a seu favor os méritos da cultura popular. As secretarias de turismo regionais têm investido na imagem dessa religiosidade, vendendo uma idéia de Minas e da mineiridade associada à tradição. A propaganda do governo de Minas em 2007, na tv, tem ao fundo a música Calix Bento, interpretada por Milton Nascimento, recheada de imagens de folia de reis e da congada. O lema é “Minas respeita suas tradições”. Os folders que vendem a imagem das cidades estampam fotografias dessas práticas populares. No mapa turístico de Uberlândia, abaixo de uma fotografia do congado, anuncia-se:

[...] a riqueza do cerrado pode ser verificada também na frequência e volume de suas manifestações culturais. Os espetáculos folclóricos, como congado e a folia de reis, se mantêm vivos e fiéis às tradições de seus antepassados, como em poucos lugares. São diversos grupos de congado, moçambiques, catupés, congos, marujos e marinheiros. A esse contingente junta-se um número expressivo de grupos de folias de reis, que anualmente, realizam suas festas, atraindo visitantes e pesquisadores de várias regiões do país. Além disso, temos o forró e a catira, danças típicas desta região e que fazem parte do dia a dia da cidade e da zona rural.<sup>10</sup>

Esse discurso que folcloriza a religiosidade popular perde a dimensão histórica que atravessa tais práticas, suas transformações e recriações. Contudo, intenção mesma é congelar a tradição como folclore. E nesse jogo de poder entre as gentes modestas que fazem estas festas acontecer e o poder público e o econômico, vislumbra-se as astúcias que enunciam-se o que se quer ouvir, para continuar a existir, a se recriar, a se (re)inventar:

[...] madame, essa festa aqui é cultura, é tradição, é o nosso folclore. Os prefeito Virgílio, Zaire e Odelmo até que reconhece a nossa importância. A secretária Mônica é gente fina, dá apoio, mais também quem é que brilha na avenida? Nós, os nêgo, é carnaval, é congado. É som, ritmo, cores pra mexê, é barúio pra acabá com o silêncio. É nós nêgo mostrano nossa história, nossa trajetória. É isso aí, né?<sup>11</sup>

<sup>9</sup> SOUZA, Adomiano Raia de. **Depoimentos**. Frutal, nov. de 2006.

<sup>10</sup> PREFEITURA MUNICIPAL DE UBERLÂNDIA. **Mapa Turístico de Uberlândia**. Uberlândia: Secretaria Municipal de Turismo, 2006.

<sup>11</sup> Depoimento de Malaquias, outubro de 2004, capitão do terno *Estrela Guia*, de Uberlândia, fundado em 2002.

Todavia, longe dos holofotes, algumas festas se mantêm no rigor da tradição, tal como a da fazenda Mata dos Dias que ocorre no dia 6 de janeiro e, apesar de prestigiada pelos moradores da região, concorre com as dos distritos de Martinésia e Cruzeiro dos Peixotos, no município de Uberlândia, como informa o casal festeiro:

[...] Olha aqui a gente ainda faiz a festa bem tradicional. É a família, os amigos que ajudam a preparar. A folia veio de fora. Mais o presépio, a comida, os enfeites, as prendas é tudo de nossa preparação. Ela só fica aqui entre nós. Num quero compara com a de Martinésia e Cruzeiro dos Peixoto. Lá é tudo muito grandioso, mais de mil pessoas, televisão, turista, tudo mais. Mais se a gente abri demais temos medo que a parte religiosa vai se perdê.<sup>12</sup>

Será que essa é também uma forma de resistência? Só o tempo será capaz de mostrar o destino das práticas culturais religiosas no interior de Minas Gerais. “É pagar para ver”.

### Referências Bibliográficas

- ARRUDA, Maria Armanda do Nascimento. **A Construção imaginária de Minas Gerais: dimensões literárias**. São Paulo, CERU, 1993 (série 2, textos CERU n. 4).
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Deuses do Povo**, Uberlândia: Edufu, 2007.
- \_\_\_\_\_. **De tão longe eu venho vindo: símbolos, gestos e rituais do catolicismo católico em Goiás**. Goiânia: EDUFG, 2004.
- \_\_\_\_\_. **A Cultura na Rua**. Campinas/SP: Papyrus, 1989.
- CARVALHO, Maria da conceição. Mártir Filomena: sacrifício e santificação em Araxá. **Cadernos de Pesquisa do CDHIS**. Uberlândia, UFU, n. 35, 2007.
- CORREIA, Iara Toscano. **João Relojoeiro: um santo no imaginário popular**. Uberlândia: Edufu, 2005.
- MACHADO, Maria Clara Tomaz. (Re)significações culturais no mundo rural mineiro: o carro de boi – do trabalho ao festar. **Revista Brasileira de História**. São Paulo: ANPUH, v. 26, n. 51, jun. 2006.
- \_\_\_\_\_. Cultura popular: um contínuo refazer de práticas e representações. In: RAMOS, Rosângela Patriota e RAMOS, Alcides Freire. (org.) **História e Cultura: espaços plurais**. Uberlândia: Aspectus, 2002
- \_\_\_\_\_. Cultura Popular em Minas Gerais: transformações, persistências ou desagregação? **Tempos Históricos**. Cascavel, Edunioeste, n. 1, v. 1, p. 177-184, 1999.

<sup>12</sup> Depoimento casal de festeiros *Carmelita e João Dias*, sua fazenda na *Mata dos Dias*, Uberlândia, 6/1/2007.



\_\_\_\_\_. A urdidura do cotidiano no mundo rural mineiro: relações de trabalho e políticas culturais em transformação. **Varia História**. Belo Horizonte: UFMG, n. 22, p. 158-169, 2000.

\_\_\_\_\_. **Culturas Populares e desenvolvimentismo no interior das Gerais**: caminhos cruzados de um mesmo tempo. 1997. Tese (Doutorado em História) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 1997.

STEIL, Carlos Alberto. Catolicismo e Cultura. In: VALLA, Victor Vincent (org.). **Religião e Cultura Popular**. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.